



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de assinatura de Decreto que regulamenta a Convenção 182, da Organização Internacional do Trabalho - OIT

Palácio do Planalto, 12 de junho de 2008

Primeiro, quero dizer para vocês que nós precisaremos fazer ainda muito mais, para que a gente atenda a plenitude daquilo que está na nossa Constituição, a plenitude daquilo que está no Estatuto da Criança e do Adolescente e a plenitude de tudo aquilo que é norma, portaria, decretos que aconteceram nesses últimos anos no Brasil.

Este Decreto é mais uma definição, para que os nossos fiscais tenham como não ser agredidos quando começam a fazer a fiscalização e encontram pessoas contrárias à fiscalização, porque entendem que aquela não é uma atividade penosa para um adolescente, que não é uma atividade que não deveria ser feita por um menino ou por uma menina.

Muitas vezes essas coisas acontecem, não porque não tenha lei, não porque não tenha fiscal, não porque não tenha decisão. Acontecem, às vezes, porque é uma coisa ainda muito cultural no nosso País. Eu me lembro, Rita, quando eu morava na cidade do Guarujá, não no Guarujá, eu morava em um bairro muito pobre do Guarujá, chamado Itapema, hoje Vicente de Carvalho, que todo domingo eu saía com meu pai e meus irmãos para o mangue, eu tinha 10 anos de idade. Andar no mangue, descalço, não é brincadeira. A gente ia catar marisco, catar caranguejo e cortar lenha para vender para as padarias. E carregava na cabeça, acho que é por isso que meu pescoço não cresceu o tanto que deveria ter crescido. Ainda hoje tem muita gente que faz isso.

Eu acho que nós precisamos sempre tratar a nossa lei com o rigor necessário, mas é preciso a gente tratar de forma humana e diferenciada, determinado tipo de comportamento. Primeiro, eu penso que o empresário que



tem autorização de todas as instituições fazendárias do governo para funcionar, para legalizar uma empresa, não tem nenhum cabimento ter uma criança trabalhando. Aí, precisa realmente ser punido. Se tiver que ter uma criança trabalhando como aprendiz, é preciso cuidar para que esse trabalho não impeça que a criança possa estudar. No fundo, no fundo, a nossa companheira falou para o Fernando Haddad que a educação é uma das possibilidades que nós temos de evitar que um jovem de 14 anos tenha que trabalhar neste País. Na verdade, não é a idade para trabalhar.

Depois de ir para o mangue, fui morar em São Paulo – não sei se aqui tem alguém de São Paulo –, na Vila Carioca, outro bairro bem pobrezinho que dava enchente e, para sobreviver, a gente tinha que engraxar sapatos. Se eu quisesse ir ao cinema no domingo à tarde, eu tinha que engraxar sapatos, no sábado de manhã. Quando o cara pagava era ótimo, mas às vezes o cara tirava o pé da caixa, ia embora, não me pagava e eu não podia fazer nada.

Depois eu fui trabalhar como tintureiro, aos 12 anos, e carregava um cabo de vassoura nas costas com um monte de ternos pendurados de cada lado. Eu me lembro como se fosse hoje: eu tinha um companheiro, Paulinho, que encontrei na Ford depois de muitos anos, que era muito grandão. Eu fui entregar um terno dele, e o terno estava arrastando no chão, porque era um paletó grande. Eu cheguei para entregar o terno, a mulher dele pegou o paletó, levantou, e a parte de baixo estava toda suja de terra porque saiu arrastando durante todo o trajeto. Certamente que se eu tivesse condições de não trabalhar e estar na escola, seria infinitamente melhor.

Eu acho que nesses já 50 anos que se passaram da minha angústia de adolescente, não tem nenhum sentido a gente ainda utilizar a estrutura do Ministério do Trabalho, da Secretaria da Igualdade Racial, da Secretaria da Mulher, da Secretaria dos Direitos Humanos, atrás de crimes que a lei proíbe, atrás de práticas equivocadas que a lei não permite.

Eu penso que nós, com este Decreto, aperfeiçoamos um pouco mais,



mas, sobretudo, é fazer um apelo, primeiro, aos pais desses adolescentes: tentem fazer todo o esforço possível para não permitir que o seu filho, a pretexto de ter que trabalhar, deixe de estudar, porque ele vai perder muito alguns anos depois. Muitas vezes, a gente só sente o prejuízo quando já tem idade mais avançada, que começa a se lembrar por que não teve chance na vida. Os pais têm um papel importante. Muitas vezes dizem: “a mãe precisa de dois, de três reais”. É preciso encontrar uma outra forma de arrumar esses dois, três, cinco reais, em vez de fazer com que o filho jogue fora grande parte do seu futuro.

A segunda coisa: as pessoas que contratam. Não tem sentido o dono de um bar, de uma padaria, de uma barraca na feira, de uma carvoaria, alguém contratar uma criança para trabalhar. Essa pessoa poderia dormir com a consciência tranqüila todos os dias se, em vez de contratar essa criança para trabalhar, pudesse (arcar) com o estudo dessa criança por sua responsabilidade.

Da parte do governo, muitas vezes nós somos criticados. Muitas vezes alguém fala: “os procuradores do Ministério do Trabalho são muito duros”, e isso vale para tentar inibir a atuação do governo na fiscalização. Nós não vamos parar a fiscalização. A fiscalização será mais efetiva se a sociedade assumir para si a responsabilidade de ser parceira. E ela pode muito: denunciando, comunicando a alguém, comunicando a uma Delegacia do Trabalho, comunicando aos Conselhos Tutelares. Ela pode fazer uma série de coisas, se a sociedade participar tudo será mais fácil. Eu quero estar vivo para que a gente possa, um dia, comemorar o fato de que no Brasil todas as crianças em idade de estudar estejam estudando e todas em condições de trabalhar estejam trabalhando. É esse país que nós precisamos construir.

Eu quero dizer que o Congresso tem feito a sua parte, a Rita Camata teve um papel extraordinário na aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Depois, certamente, ela passou muito tempo frustrada porque as



coisas não acontecem com a rapidez que a gente deseja. Você faz a lei, aprova o estatuto e depois os anos passam e as coisas continuam acontecendo do mesmo jeito. Vai melhorando, mas vai melhorando mais lentamente do que a gente necessita e do que a gente tem vontade.

Esses dias, Rita, eu tive acesso às informações sobre pedofilia no Brasil. Eu acho que é uma coisa tão abominável, que eu não imaginava que a gente tivesse um ser humano capaz de praticar pedofilia. É uma coisa tão abominável, que o cidadão que pratica aquilo não pode ser chamado de animal racional, ele é o mais irracional de todos os animais que existem no planeta Terra. E o trabalho infantil, embora não seja dessa gravidade, é a gente truncar um momento que é único na nossa vida, de ser criança, de ser até, eu diria, irresponsável nas nossas brincadeiras, fazer as artes que todas as crianças têm que fazer, ter todas as brigas que a gente tem que ter com os companheiros. Esse momento é único, depois a gente atinge uma idade em que a responsabilidade aumenta, tem a família, e aí acabou. Quando uma pessoa contrata uma criança para trabalhar, ela está truncando o momento mais importante da nossa vida, que é o momento da meia-inocência, em que a gente faz muita arte, mas faz muita coisa sem saber o tamanho dela.

Meus parabéns, eu sou sempre muito agradecido porque não consigo conceber como é que alguém pode governar um país, uma cidade ou um estado, e não estar constantemente reunindo vocês para saber o que estão fazendo de bem para este País. Muitos fazem de graça, por amor, no anonimato, e eu acho que é isso que faz o Brasil ser o país que é.

Eu acho que o Brasil tem condições de andar mais rápido. O Movimento Sindical, Calixto, pode dar uma contribuição extraordinária. No Movimento Sindical a gente foi doutrinado a só cuidar das nossas pautas de reivindicação, a discutir as coisas do mundo das fábricas e, muitas vezes, a gente não discute o que está do nosso lado. Um dirigente sindical mais combativo é capaz de ir para a porta de sua fábrica xingar um patrão, mas se ele for tomar um café na



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

padaria e vir uma criança trabalhando, ele não é capaz de tomar uma atitude como sindicalista e dizer: “isso aqui está errado”. Se todo mundo assumir o nosso papel, eu acho que vai ficar muito mais fácil.

Parabéns por este Dia Internacional, e que a gente possa comemorar, o mais rápido possível, o fim do trabalho infantil no nosso País.

Um abraço.

(\$211A)